



Análise Comparativa Qualitativa dos Dados Sobre Violência Produzidos por Escolas (Regional Leste, Setor L4)

Trabalho desenvolvido em parceria com as gestoras da Secretaria Municipal de Segurança e Prevenção do Município de Belo Horizonte (MG), no âmbito da disciplina Laboratório de Formulação e Avaliação de Políticas Públicas, ministrada no Curso de Gestão Pública no segundo semestre de 2018.



Equipe Técnica

Daniela Barbosa de Paula

Júlia Vilas Boas Ornelas

Maria Cardoso Zappulla

Raquel Henrique Evangelista

Orientação

Profª Geralda Luiza de Miranda (Departamento de Ciência Política-FAFICH)

Danúbia Zanetti (Programa de Pós Graduação em Ciência Política-FAFICH)

Lívia Macedo (Programa de Pós Graduação em Ciência Política-FAFICH)

Kelly Santos (Programa de Pós Graduação em Ciência Política-FAFICH)

Belo Horizonte

2018

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	5
1	FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA CRIMINALIDADE	6
2	TEORIAS EXPLICATIVAS DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS ..	10
3	ANÁLISE DOS DADOS	14
3.1	Situação dos jovens avaliada pelo Índice de Vulnerabilidade Jovem (IVJ).....	14
3.2	Composição espacial do setor L4	20
3.3	Caracterização da população do setor L4	21
3.4	Situação de violência nas escolas da Regional Leste e Setor L4 .	22
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	29

LISTA DE FIGURAS

TABELA 1	Percentual da população de 15 a 29 anos, Belo Horizonte, 2010	p. 15
TABELA 2	Percentual de crianças de 10 a 14 anos ocupadas, Belo Horizonte, 2010	p. 15
TABELA 3	Renda domiciliar média por atributo do responsável pelo domicílio, Belo Horizonte, 2010 (valor mensal em R\$ referente a julho de 2010 para domicílios particulares).....	p. 16
TABELA 4	Taxa de Abandono escolar no Ensino Médio, Belo Horizonte, média de 2013-2015	p. 16
TABELA 5	Taxa de Distorção idade/série no Ensino Médio, Belo Horizonte, média de 2013-2015	p. 17
TABELA 6	Taxa Média de Homicídio da População Masculina com Idade entre 15 e 29 anos, Belo Horizonte, 2013 a 2015	p. 17
TABELA 7	Taxa Média de Fecundidade na faixa etária de 15 a 19 anos, Belo Horizonte, 2013 a 2015	p. 18
GRÁFICO 1	Resultado - Índice de Vulnerabilidade Juvenil	p. 19
MAPA 1	Índice de Vulnerabilidade Juvenil do Território Leste.....	p. 20
TABELA 8	População por sexo, Belo Horizonte, 2010	p. 21
TABELA 9	População por cor/raça, Belo Horizonte, 2010	p. 21
TABELA 10	Intervenções registradas em cada regional pela GMBH	p. 22
GRÁFICO 2	Média de registro de intervenções por regional.....	p. 23
TABELA 12	Classificação das Intervenções no Interior das Escolas da Regional Leste entre Jan-Jul 2017	p. 24
TABELA 13	Classificação das Escolas da Regional Leste por Número de Intervenções	p. 25
TABELA 14	Registro de Intervenções por Escolas da Regional Leste Comparativo/Jan-Julho 2016-2017	p. 25

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco a análise dos dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Segurança e Prevenção (SMSP), da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), acerca da violência nas escolas da Regional Leste da cidade, com especificação no setor L4. Na primeira seção, é apresentada uma análise bibliográfica sobre os fundamentos teóricos da criminalidade, abordando as diversas principais correntes que visam explicar o comportamento criminoso. A literatura acerca do assunto reconhece diversos modelos explicativos sobre os motivos pelos quais um indivíduo comete crimes. Cada uma das principais teorias reconhece variáveis diferentes como sendo as principais responsáveis por tal situação. Ao longo do trabalho, tais teorias serão trabalhadas e apresentadas de forma a montar um modelo explicativo e introdutório imprescindível para a realização da análise.

Na segunda seção, é apresentada uma síntese de estudos sobre a violência nas escolas propriamente ditas, no qual buscamos analisar as variáveis que se relacionam e que influenciam as ocorrências de tais violências. Estas são marcadas pelas características dos alunos e pelo meio social em que vivem, bem como pelo funcionamento do sistema educacional. Visa-se, então, desenvolver essas perspectivas a fim de avaliar a sua relação com o esse comportamento presenciado no ambiente escolar de forma a auxiliar a análise dos dados fornecidos pela (SMSP).

Na terceira seção, é apresentada a análise qualitativa dos dados sobre violência produzidos por escolas, na qual é realizado um comparativo dos índices de criminalidade entre os dados do município e os dados da regional Leste e entre os dados do município e os dados da regional L4. A partir disso, nota-se que dentre as regionais do município, a Leste é a que apresenta maior índice de violência e que, dentro desta regional, a L4 - formada pelos bairros Alto Vera Cruz, Baleia, Jardim Taquaril, Conjunto Taquaril Granja de Freitas, Mangabeiras e Vila Área – chama atenção devido as maiores taxas.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA CRIMINALIDADE

Os motivos pelos quais uma pessoa comete crimes envolvem diversas variáveis, incluindo diversos fatores criminogênicos, que podem ser concretos, tais como, a presença de armas e drogas, ou imaginários, como, por exemplo, ausência de supervisão familiar e de reconhecimento (CERQUEIRA e LOBÃO, 2003). Há ainda uma demanda de se contextualizar e levar em consideração situações específicas. Assim, a literatura da área incorpora o reconhecimento de diversos modelos explicativos, entretanto, há ênfase em algumas teorias.

As primeiras reflexões acerca do assunto visavam encontrar uma causa geral para o comportamento criminoso, sendo que algumas teorias explicativas contribuíram para legitimar discursos de teólogos e médicos da época, tal qual aborda Cerqueira e Lobão (2003) que associavam a criminalidade a patologias individuais. A maioria dessas associações contribuíram para a legitimação de conteúdos racistas que condenavam pessoas por características físicas. Atualmente, o estudo sobre as causas da criminalidade seguem duas linhas de estudo, sendo que uma diz respeito às motivações individuais, e a outra remete para as relações sociais e variações em contextos sociais e na cultura . Esse quadro conta com a contribuição de sociólogos e economistas.

De forma sucinta, as principais abordagens sobre as causas da violência e da criminalidade podem se resumir em em teorias focadas nas patologias individuais, teoria da desorganização social, teoria do estilo de vida e teoria do aprendizado social. A primeira faz parte das primeiras reflexões na temática e explica o comportamento criminoso a partir de patologias individuais que podem se dividir em natureza biológica, psicológica e psiquiátrica. Essa perspectiva estimulou pesquisas sob as quais os criminosos constituíam um tipo inferior de indivíduo, como trouxe Cerqueira et al (2003). Nesse sentido, essa teoria supõe que haveria disfunções do indivíduo criminoso, inexistentes no indivíduo não criminoso, no que tangia a problemas físicos ou mentais, que explicavam a conduta criminoso. A segunda teoria, segundo Cerqueira et al. (2003), foca nas comunidades locais e os laços estabelecidos entre seus membros (associações formais e informais) como sendo o fator determinante para emergência da criminalidade, de forma que tais laços facilitam ou inibem o controle social (SAMPSON, 1997). Nesse caso, a criminalidade surgiria como uma consequência de

alguns efeitos na organização dessas relações sociais (ENTORF e SPENGLER, 2002). A terceira teoria aborda hipóteses da existência de três elementos, sendo eles: uma vítima em potencial, um agressor em potencial e uma tecnologia de proteção, que é determinada pelo estilo de vida da vítima em potencial. Essa teoria possui como foco de abordagem os hábitos e a rotina de vida das vítimas, de forma que quanto maiores forem as facilidades que a vítima em potencial possa vir a oferecer, maiores serão as chances de haver perpetração de crime (CERQUEIRA e LOBÃO, 2003). Por fim, a quarta principal abordagem centraliza sua análise nas determinações de comportamentos, sejam favoráveis ou desfavoráveis, ao crime, que são apreendidas a partir das interações pessoais, através do processo de comunicação, resultante de uma série de variáveis, tais como, grau de supervisão familiar, intensidade de coesão nos grupos de amigos etc (SUTHERLAND, 1973).

Além dessas, ainda merecem menção duas outras teorias: (1) a teoria do controle social, que procura entender por que alguns se abstêm de cometer crimes (CERQUEIRA e LOBÃO, 2003), (2) a teoria do autocontrole, que supõe que os indivíduos que possuem comportamentos desviantes não desenvolveram mecanismos psicológicos de autocontrole na fase entre os dois ou três anos até a fase pré-adolescente (GOTTFREDSON e HIRSCHI, 1990); (3) a teoria da anomia, que confere a motivação para a delinqüência à impossibilidade de o indivíduo atingir metas desejadas por ele, por exemplo, sucesso econômico, (MERTON, 1938);, (3) a teoria interacional, que entende a delinqüência simultaneamente como causa e conseqüência de uma variedade de relações desenvolvidas ao longo do tempo (THORNBERRY, 1996); e, por fim, a (4) teoria econômica da escolha racional, que supõe que a decisão de se cometer um crime resulta de uma ponderação entre a maximização da utilidade esperada em contrapartida ao valor da punição e as probabilidades de aprisionamento (BECKER, 1968).

No que tange aos estudos relacionados aos determinantes da criminalidade realizados no Brasil, observa-se uma limitação significativa, devido à inexistência de dados confiáveis e atualizados. Entretanto, é possível ressaltar trabalhos desenvolvidos por Coelho (1988) Paixão (1988), com foco em Minas Gerais, que criticavam a relevância dos fatores socioeconômicos na determinação da criminalidade, a análise da relação com o desemprego realizado por Beato e Reis (2000) e, posteriormente, por Saporì e Wanderley (2001), entre outros estudos. Assim, de modo geral, o que se percebe sobre a explicação do comportamento desviante e criminoso são estudos metodológicos que

englobam questões sociais e antropológicas, de forma a envolver economia, psicologia e outras áreas, sobre esse fenômeno complexo, multicausado e multidimensional.

Continuando a análise do cenário brasileiro, segundo Cerqueira et al (2005) a sociedade e o Estado permanecem inertes quanto às condições de segurança pública, seja por ausência de interesse em resolver tal situação, seja por falta de recursos ou métodos e tecnologias eficazes. Ademais, esse aumento pode ser relacionado às intensas transformações sociais ocorridas nos últimos 30 anos, por exemplo, a configuração de espaços urbanos altamente complexos, um grande contingente de jovens sem supervisão e orientação, entre outros, e que, junto com a falência do sistema de justiça criminal, possibilitaram condições ideais para o crescimento do crime.

Nessa direção, Cerqueira e Lobão consideram a falência desse sistema de segurança, o que se constitui em fonte primária da impunidade, junto com as enormes vulnerabilidades e desigualdades socioeconômicas presentes, configura a dinâmica da criminalidade no Brasil. Entretanto, para além disso, é também possível apontar outros quatro elementos-chave que explicam o processo de hipercriminalidade brasileira nas últimas décadas, tais como, o crescimento da população urbana, a exclusão conjugada à desigualdade socioeconômica, a proliferação e o uso indiscriminado das armas de fogo pela população e a ausência histórica de uma Política de Segurança Pública que seja consistente, preventiva e proativa.

Daniel Cerqueira e Waldir Lobão também contribuem para a discussão acerca da relação dos modelos teóricos e dos resultados empíricos sobre determinantes do crime a partir da ideia de Becker (1968) de que “a oferta de crimes decorreria do processo de tomada de decisão de indivíduos racionais que maximizariam suas utilidades esperadas.” (CERQUEIRA e LOBÃO, 2003, p. 1). Assim, os autores argumentam que a prática criminosa supostamente tem dois conjuntos de variáveis de explicação: um conjunto sobre condicionantes sociais; e um em que a coerção do Estado para a manutenção da ordem pública é operacionalizada através do sistema de justiça criminal.

A análise é feita considerando a escolha do potencial produtor do crime com preços distintos e afetada por externalidades originadas da ação do aparato de segurança pública, e do ambiente regional onde o crime ocorre. Desse modo, o indivíduo analisa os custos e ganhos da ação criminosa com base na média de desempenho da mesma. Já com relação às externalidades do sistema de justiça criminal, essa decisão é afetada de duas formas, se levarmos em consideração maior eficácia da polícia: prevenindo a

execução do crime ou repreendendo o mesmo. O criminoso pode sofrer uma punição o que interfere na consideração dos ganhos da ação (esperança matemática da renda/ganho médio, que é calculado através de uma expressão matemática proposta pelos autores).

Cerqueira e Lobão discorrem sobre os dados analisados no primeiro texto e afirmam que as generalizações conservadoras e as observações que de certa forma “desmerecedoras” feitas pela esquerda contribuem negativamente para o funcionamento da segurança pública. Afirmar que uma polícia mais dura é a solução para o problema gera legitimidade para a violência em si. Mas a conduta das esquerdas sobre essas instituições acaba por sucateá-las. A combinação da falta de controle e preparação somados a outros fatores determinantes, só podem ter como resultado a inoperância e ineficácia das instituições voltadas para a segurança, independente do valor aplicado as políticas relacionadas, já que foi constatado em pesquisas prévias que o aumento dos gastos não tem grande influência na diminuição de homicídios, devido justamente, de se tratar de um modelo de segurança já esgotado.

Também em relação às variáveis que influenciam na ocorrência da criminalidade, os autores Mário Mendonça, Paulo Loureiro e Adolfo Sachsida (2003) realizaram uma pesquisa com presos na Penitenciária Estadual de Papuda (Brasília). Segundo os dados obtidos por eles é possível perceber que a ordem econômica não é uma causa direta para a prática de crimes violentos. Os autores afirmam que a probabilidade de indivíduos que estão passando por alguma dificuldade financeira cometer crimes violentos é de 23,86%. A pesquisa mostra, também, que o nível de escolaridade dos pais afeta o grau de probabilidade do filho cometer algum ato violento. Quando os pais dos presos possuem o primeiro grau completo a probabilidade é de 9,63% menor. Ainda referente a variável familiar, pode-se concluir que a presença da mãe na família possui impactos diretos no comportamento dos presos. Quando a mãe ainda está viva, a chance do preso cometer um ato violento diminui em 33,21% e quando a mãe realiza uma atividade remunerada fora de casa a probabilidade destes cometerem tais atos aumenta em 11,48%.

Outra teoria importante coloca foco nas variáveis de interação social, as quais mostram que quando o infrator cresce em uma boa vizinhança a probabilidade de ser preso por crime de ordem violenta diminui em 11,06%, ou seja, as condições de vida nos bairros, a infraestrutura e a assistência governamental afetam no comportamento dos indivíduos.

Por fim, um dado interessante é o fato de que fumantes são mais propensos a cometerem crimes violentos.

Conclui-se dos textos que não se pode analisar a criminalidade sem analisar o contexto em que se insere a ação criminosa. Sem essa consideração, não há debate válido de quais políticas seriam mais adequadas.

2. TEORIAS EXPLICATIVAS DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

O debate sobre violências nas escolas foi muito bem abordado pelas autoras Maria das Graças Rua e Miriam Abramovay (2002), que reconhecem que há diversas leituras sobre o tema.

Percebe-se, segundo as autoras, que nos últimos anos houve um aumento dos atos delituosos e da ocorrência das pequenas e grandes “incivilidades” – marcada pela pressão psicológica, falta de respeito, humilhação e palavras grosseiras - nas escolas, acarretando num aumento de insegurança.

Faz-se necessário, então, realizar uma associação das violências com as características dos agressores e das vítimas, com o ambiente social dos jovens, ou seja, com as variáveis exógenas, que seguem as dinâmicas sociais, políticas e culturais, nas quais os jovens estão inseridos. São elas: i) gênero, masculinidade e sexismo, abrangendo situações como assédio sexual, abusos sexual e psicológico, no qual os professores se enquadram como agressores; ii) relações raciais, racismo e xenofobia; iii) composição étnica/racial nacional; iv) a família como determinante no desenvolvimento do comportamento violento; v) a influência da mídia devido a veiculação da violência e da sua banalização na sociedade; vi) o meio onde se situa a escola e suas características.

Ademais, deve-se atentar para as variáveis endógenas, as quais influenciam as ocorrências e são caracterizadas pela: i) idade, nível escolar ou série do aluno; ii) as regras defendidas pela instituição escolar e o seu sistema de punição; iii) os professores, uma vez que, ao não darem a devida atenção às ocorrências de violência, eles

contribuem para a violação dos direitos dos alunos e, até mesmo, para a perpetuação do ato.

Aliado a tudo isso, a perda da legitimidade das escolas públicas como ambiente de transmissão de ensinamentos, fato este decorrente da precariedade e descaso do poder público para com as escolas, como falta de equipamentos e materiais escolares e baixa qualidade de ensino, promove um ambiente propício para ocorrência de violências.

Outra análise interessante, realizada pelas autoras Maria das Graças Rua e Miriam Abramovay (2002), é referente à insegurança presente no entorno das escolas. Para isso, são destacadas as seguintes variáveis: i) a localização da escola no bairro; ii) a segurança das vias de trânsito por pedestre, o que corresponde a presença de semáforos, faixa de pedestre, passarela e guardas para o controle do tráfego; iii) as características do bairro, violento ou tranquilo; iv) as ocorrências de assaltos nos locais próximos às escolas; v) a presença de estabelecimentos comerciais no entorno das escolas, fato este que promove uma maior movimentação, tornando o ambiente menos isolado; vi) a presença de bares próximos às escolas, já que geralmente são locais frequentados pelos próprios alunos que, ao ingerirem bebidas alcoólicas, podem se envolver em ações violentas; vii) a iluminação precária, que contribui para o aumento de práticas violentas; viii) a presença/ausência de policiamento na região.

No que diz respeito à promoção de segurança, muitas das escolas públicas enfrentam uma deficiência de pessoal encarregado para a realização desta em seu ambiente, como vigias. Nota-se, também, a falta de policiamento tanto no entorno das escolas como no seu estabelecimento. No entanto, há uma divergência entre policiais, alunos e professores no que se refere à presença de policiamento dentro das escolas. A maioria dos alunos afirma que a escola deveria resolver os problemas de segurança sem contar com o auxílio dos policiais, uma vez que estes se sentem intimidados pela sua presença, bem como a não credibilidade na imagem desses profissionais de segurança, pelo fato de alguns estarem envolvidos com atos de corrupção, com o tráfico de drogas e com o assassinato de pessoas inocentes. Os professores e os familiares, por outro lado, dizem ser necessária a presença dos policiais nas escolas, para que se possa garantir a ordem, assegurando o funcionamento das escolas, bem como a proteção dos alunos perante atos de violência vivenciados na instituição. Os policiais, no entanto, afirmam haver uma confusão quanto à função dos policiais. A escola, às vezes, confunde atos

relacionados às atribuições pedagógicas e recorrem aos policiais para a resolução do problema.

Há, também, três outros fatores que afetam diretamente na dinâmica da segurança das escolas, segundo Maria das Graças Rua e Miriam Abramovay (2002), são eles: a presença de gangues, a existência de tráfico de drogas e o sistema de controle de entrada e saída dos alunos. As gangues existentes nesse ambiente se caracterizam por grupos de alunos formados de acordo com as suas afinidades em determinado interesse, como pelo estilo musical, pela atividade física realizada e entre outros. Essa diversidade de grupos presente em um único espaço acaba por gerar conflitos entre si, aumentando a insegurança nas escolas. A questão do tráfico de drogas aponta para uma situação mais complexa por envolver diversos fatores e atores, considerando que há casos de alunos que se inscrevem nas escolas com o intuito de vender substâncias ilícitas. Tal fato provoca o aumento do consumo destas pelos alunos. Por fim, o sistema de segurança referente à entrada e saída de alunos do ambiente escolar apresenta, muitas vezes, falhas devido à inexistência de porteiro, equipamento de segurança e fiscalização. Isso, então, promove a vulnerabilidade da escola, uma vez que facilita a entrada de estranhos e aumenta, assim, o clima de insegurança

Segundo Debarbieux (*apud* Abramovay e Ruas 2002), a violência nas escolas se associaria a três dimensões sócio-organizacionais distintas: (1) degradação do ambiente escolar, com estruturas deficientes; (2) violência originária de fora da escola para dentro das escolas, com infiltração de gangues e do tráfico de drogas, sitiando-as e aumentando a visibilidade da exclusão social na comunidade escolar; (3) componente interno das escolas, específico de cada unidade, com escolas mais ou menos propícias a ações violentas, sem determinismos nem fatalidades associadas ao contexto das áreas onde estão inseridas, o que aponta para a possibilidade de ações ou reações localizadas.

Em sua pesquisa, Abramovay e Rua (2002) demonstram alguns fatos e ou tendências que influenciam a violência, a partir da análise de dados colhidos em escolas:

- Desavenças ocasionadas por problemas com notas, nível de exigência e faltas disciplinares, que são os principais motivos das ameaças dos alunos contra professores;
- Perda de controle de manifestações violentas corriqueiras, como ameaças, desaforos, ofensas e provocações, denotando banalização da violência;

- Brigas entre alunos, inicialmente incentivadas por colegas que, na sequência, tentam evitá-las e, quando não conseguem, acionam a direção;
- Discussões, brigas ou ameaças em que o agressor, eventualmente, compõe a equipe da escola (professores, diretores);
- Tendência dos alunos reagirem às agressões, muitas vezes com vinganças posteriores, sem recorrer à direção, polícia ou pais;
- Entre as causas mais comuns da violência, destacam-se as relacionadas com futebol e a presença de estranhos no ambiente escolar;
- Entre as manifestações mais comuns de violência, estão o estupro e o assédio sexual, praticado por alunos e professores;
- Porte habitual de armas brancas e porte crescente de armas de fogo, sejam réplicas (armas de brinquedo), sejam verdadeiras, tanto por parte de alunos e pais quanto por parte de professores, criando um ambiente de medo e insegurança, na medida em que há relatos de disparos de tiros dentro e nos arredores da escola;
- Registros de ocorrências não-especificadas com traço distintivos de ferimentos graves e/ou morte de alunos, professores e pais dentro do ambiente escolar.
- Roubos de carros ou objetos pessoais de valor de alunos e professores, colocando em situação de risco os proprietários;
- Ocorrências frequentes de assalto a mão armada, especialmente nas escolas públicas.
- Atos de pichação, depredação de muros, janelas, paredes e destruição de equipamentos, bem como furtos, são as formas de vandalismo mais comuns e frequentes apontadas por todas as categorias de entrevistados.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Este diagnóstico tem como objetivo traçar um perfil da população residente no território L4 em comparação ao total da Regional Leste e do município de Belo Horizonte, bem como da violência na região e nas escolas utilizando da mesma perspectiva comparada. São analisadas as dimensões que envolvem as situações dos jovens de acordo com o Índice de Vulnerabilidade Jovem, a composição espacial da regional L4, a descrição da população do setor L4, o cenário da violência no município de Belo Horizonte, e o cenário da violência nas escolas no território Leste e L4. Os dados utilizados foram disponibilizados pela SMSP e compõem o Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ) de Belo Horizonte.

3.1. Situação dos jovens avaliada pelo Índice de Vulnerabilidade Jovem (IVJ)

O Índice de Vulnerabilidade Jovem (IVJ) é composto pelos seguintes indicadores: percentual da população com idade entre 15 a 29 anos de idade; percentual de crianças de 10 a 14 anos ocupadas; renda domiciliar média em reais; taxa de abandono escolar no Ensino Médio – Média 2013-2015; taxa de distorção idade-série no Ensino Médio – Média 2013-2015; taxa de homicídio população masculina de 15 a 29 anos – Média 2013-2015; e taxa de fecundidade na faixa etária de 15 a 29 anos – Média 2013-2015.

Na Tabela 1, apresenta-se a distribuição etária da população de Belo Horizonte, Regional Leste e Setor L4. Verifica-se, com base nos dados da Tabela 1, que população entre 15 a 29 anos apresenta maior índice no Setor L4 (30%) na comparação com a Regional Leste (26%) e com o município de Belo Horizonte (27%).

TABELA 1 - População de 15 a 29 anos, por local de residência (2010) (N, %)

IDADE	BELO HORIZONTE		REGIONAL LESTE		SETOR L4	
	(N)	(%)	(N)	(%)	(N)	(%)
15 a 29 anos	630.931	27	62.404	26	13.013	30
Demais faixas etárias	1.744.220	73	176.135	74	30.941	70
Total	2.375.151	100	238.539	100	43.954	100

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

Na Tabela 2, apresenta-se percentual de crianças de 10 a 14 anos ocupadas de Belo Horizonte, Regional Leste e Setor L4. O percentual de crianças de 10 a 14 anos ocupadas no Setor L4 é 3,3%, aproximando-o do município (3,4%), mas distanciando-o da Regional Leste (2,4%).

TABELA 2 - Crianças de 10 a 14 anos ocupadas, por local de residência (2010)

	Belo Horizonte	Regional Leste	Setor L4
População de 10 a 14 anos (N)	171.491	16.617	4.523
População de 10 a 14 anos ocupada (N)	5.798	395	149
Crianças de 10 a 14 anos ocupadas (%)	3,4	2,4	3,3

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

Na Tabela 3, apresenta-se renda domiciliar média por atributo do responsável pelo domicílio em Belo Horizonte, Regional Leste e Setor L4. A renda domiciliar também é outro fator que apresenta uma discrepância muito grande em relação ao município e à regional a qual pertence. Enquanto a média para o município é de R\$ 4.496,19 e a da regional Leste é de R\$ 4.172,09, a média do Setor L4 é R\$ 1.604,98.

TABELA 3 - Renda domiciliar mensal por atributo do responsável pelo domicílio particular, por local de residência (2010) (R\$ - média)

	Belo Horizonte	Regional Leste	Setor L4
Renda domiciliar média por atributo do responsável	4.496,19	4.172,09	1.604,98

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

Na Tabela 4, apresenta-se taxa de abandono escolar no Ensino Médio em Belo Horizonte, Regional Leste e setor L4. O percentual de abandono escolar também coloca o Setor L4 em maior desvantagem: é de 14,1%, em média, enquanto na Regional Leste, essa média é 8,77% e, no município, de 7,14%.

TABELA 4 - Abandono escolar no Ensino Médio, por local de residência (2013-2015) (N, %)

	Belo Horizonte	Regional Leste	Setor L4
Matrículas no Ensino Médio no início do ano (N)	95.312	9.634	234
Alunos matriculados no Ensino Médio que não completaram o ano (N)	6.806	845	33
Abandono no Ensino Médio (%)	7,14	8,77	14,1

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

Na Tabela 5, apresenta-se o percentual de distorção idade/série no Ensino Médio de Belo Horizonte, Regional Leste e Setor L4. O percentual de distorção idade/série no Setor L4 é de 6,7%, bem maior que o verificado na regional, que é de 4,8%, e no município, que é de 4,88%.

TABELA 5 – Matrículas e distorção idade/série no Ensino Médio, por local de residência (2013-2015) (N, %)

	Belo Horizonte	Regional Leste	Setor L4
Matrículas no Ensino Médio no início do ano (N)	95.292	9.615	234
Alunos matriculados no Ensino Médio com idade superior a 19 anos (N)	4.654	462	16
Distorção idade-série no Ensino Médio (%)	4,88	4,8	6,7

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

Na Tabela 6, apresenta-se o percentual de homicídios da população masculina com idade entre 15 e 29 anos de Belo Horizonte, Regional Leste e Setor L4. O percentual médio de homicídios da população masculina com idade entre 15 e 29 anos, entre 2013-2015, no Setor L4 é de 1,4%, mais que o triplo do verificado em Belo Horizonte e na Regional Leste (0,4%)

TABELA 6 – Ocorrências de homicídio da população masculina com idade entre 15 e 29 anos, por local de residência (2013 a 2015) (N, %)

	Belo Horizonte	Regional Leste	Setor L4
População masculina entre 15 e 29 anos (N)	307.120	30.625	6.391
Homicídios de jovens do sexo masculino com idade entre 15 e 29 anos (N)	1.368	123	74
Homicídios da população masculina de 15 a 29 anos (%)	0,4	0,4	1,4

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

Na Tabela 7, apresenta-se o percentual de fecundidade na faixa etária de 15 a 19 anos de Belo Horizonte, Regional Leste e Setor L4. O percentual de fecundidade na faixa etária de 15 a 19 anos é de 17,9% no Setor L4, bem maior que o verificado na Regional Leste e em Belo Horizonte (3,6% e 3,8%, respectivamente).

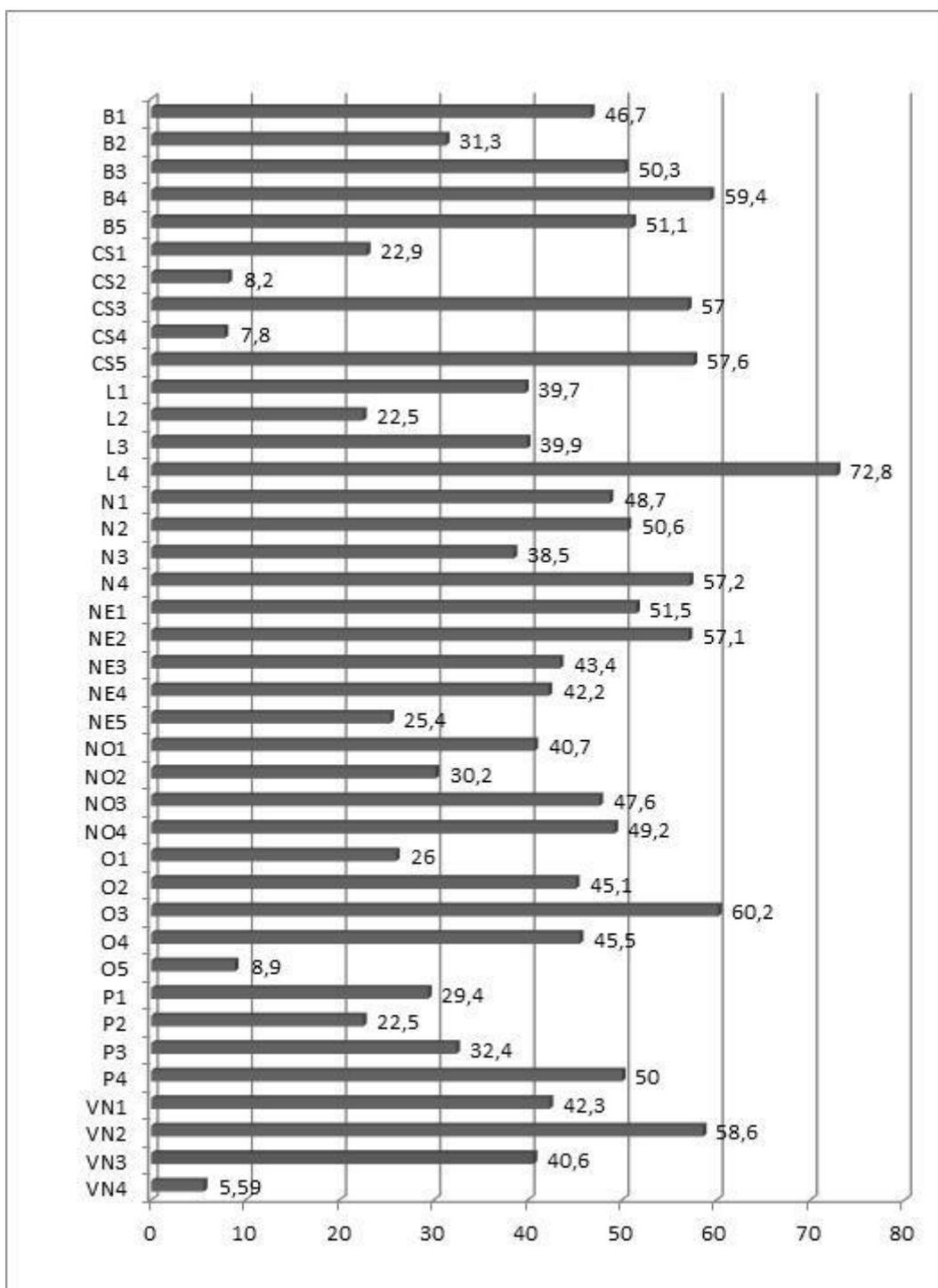
TABELA 7 - Fecundidade na faixa etária de 15 a 19 anos, por local de residência (2013 a 2015) (N, % médio)

	Belo Horizonte	Regional Leste	Setor L4
População Feminina entre 15 e 19 anos	91.651	9.126	2.370
Número de nascidos vivos de mães com idade entre 15 e 19 anos	10.421	991	424
Fecundidade na faixa etária de 15 a 19 anos (%)	11,4	10,9	17,9

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

No Gráfico 1, apresenta-se o Índice de Vulnerabilidade Juvenil por território do município de Belo Horizonte, comprovando a posição de maior vulnerabilidade dos jovens residentes no Setor L4, evidenciada nas análises dos dados precedentes. Como pode ser observado, o Índice de Vulnerabilidade Jovem do Setor L4 é o mais alto de Belo Horizonte, chegando a 72,8 numa escala de 0 a 100, sendo o IVJ da Regional Leste é de 41,3, e o do município de 41,1. Os demais setores da Regional Leste apresentam índices inferiores aos do município. Os setores que apresentam menores índice no município são CS3 (7,8) e CS2 (8,2), da Regional Centro Sul, e O5 (8,9), da Regional Oeste.

GRÁFICO 1 - Índice de Vulnerabilidade Juvenil, por setor administrativo da PBH

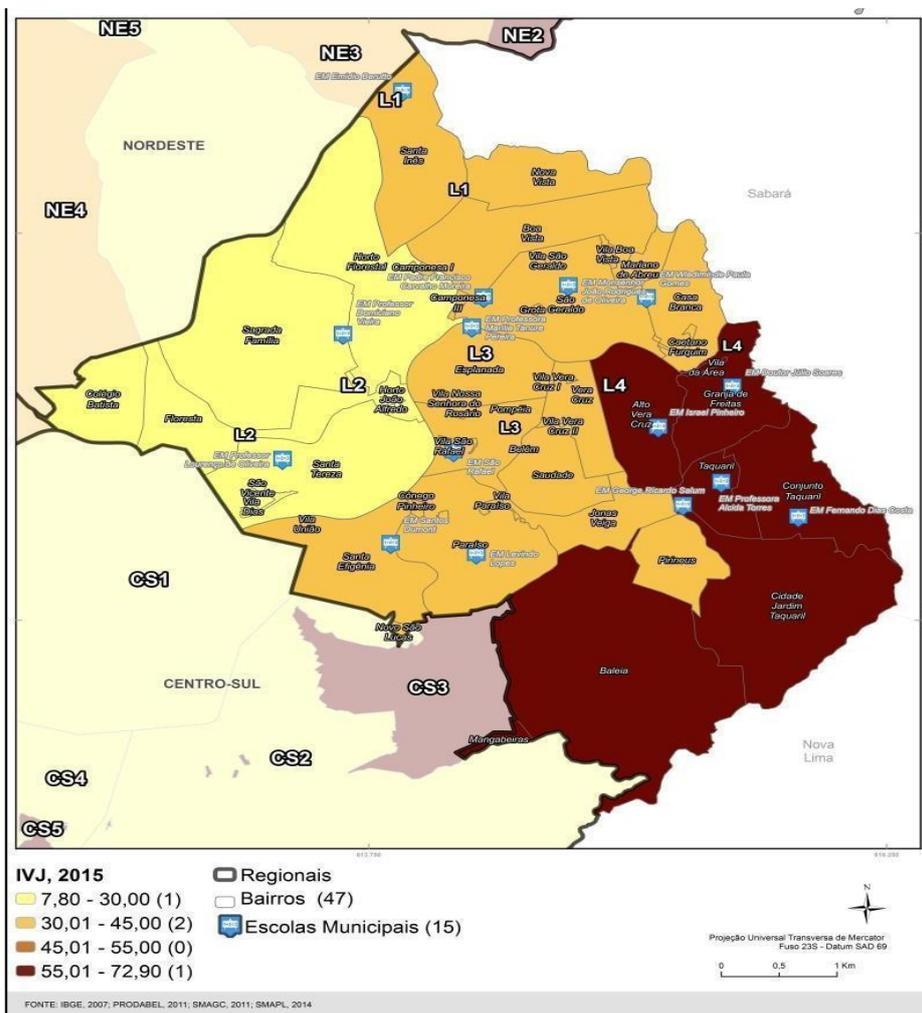


Fonte: Projeto de Gestão Integrada de Segurança e Prevenção - GISP, 2017

3.2. Composição espacial do Setor L4

O Mapa 1 apresenta a divisão dos setores da Regional Leste, apontando os níveis de vulnerabilidade de cada um.

MAPA 1: Índice de Vulnerabilidade Juvenil do Território Leste



Fonte: Projeto de Gestão Integrada de Segurança e Prevenção - GISP, 2017

O Setor L4 é composto pelos bairros Alto Vera Cruz, Baleia, Jardim Taquaril, Conjunto Taquaril Granja de Freitas, Mangabeiras e Vila Área. Importante destacar que os bairros Alto Vera Cruz e Conjunto Taquaril concentram quase 83% da população do setor, possuindo alta densidade demográfica.

3.3. Caracterização da população do setor L4

Na Tabela 8, apresenta-se o número e o percentual da população por sexo de Belo Horizonte, Regional Leste e setor L4. Na questão de gênero, o Setor L4 segue o perfil do município, apresentando maioria feminina (52% e 53%, respectivamente), diferente do perfil da Regional Leste, que apresenta maioria de homens (54%).

TABELA 8 - População por sexo e local de residência (2010) (N, %)

	BELO HORIZONTE		REGIONAL LESTE		SETOR L4	
	(N)	(%)	(N)	(%)	(N)	(%)
Feminino	1.261.638	53%	110.055	46%	22.957	52%
Masculino	1.113.513	47%	128.484	54%	20.997	48%
Total	2.375.151	100%	238.539	100%	43.954	100%

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

Na Tabela 9, apresenta-se o número e o percentual da população por cor/raça de Belo Horizonte, Regional Leste e Setor L4. Com relação a cor e raça, o Setor L4 distingue-se bastante tanto do município quanto da regional que apresentam percentual de 53% de pessoas que se autodeclararam negras, pardas ou indígenas; o Setor L4 apresenta um percentual de 73% dessa população.

TABELA 9 - População por cor/raça e local de residência, Belo Horizonte (2010) (N, %)

	BELO HORIZONTE		REGIONAL LESTE		SETOR L4	
	(N)	(%)	(N)	(%)	(N)	(%)
Branco/Amarelo	1.133.513	48%	112.832	47%	11.235	26%
Preto/Pardo/Indígena	1.237.191	52%	125.525	53%	32.702	74%
Total	2.370.704	100%	238.539	100%	43.954	100%

Fonte: Índice de Vulnerabilidade Juvenil de BH. PBH; CRISP-UFMG, 2015.

3.4. Situação de violência nas escolas da Regional Leste e Setor L4

Na Tabela 10, apresenta-se o número e o percentual de intervenções registradas pela Guarda Municipal nas regionais de Belo Horizonte. É possível observar que, em linhas gerais, as intervenções diminuíram em comparação dos anos 2016 e 2017. Percebe-se também que são 4 as regionais com maiores números de intervenções em 2016, tais quais são as regionais de Venda Nova, Leste, Barreiro e Nordeste.

TABELA 10 - Intervenções registradas em cada regional pela GMBH (2016-2017) (N, %)

REGIONAL	ANO		Intervenções (N)	Escolas (N)	Escolas com intervenção (%)
	2016	2017			
Venda Nova	99	80	179	32	5,59
Leste	109	70	179	16	11,19
Barreiro	91	56	147	30	4,90
Nordeste	96	46	142	30	4,73
Pampulha	59	43	102	20	5,10
Norte	52	47	99	15	6,60
Centro Sul	45	39	84	16	5,25
Oeste	43	35	78	15	5,20
Noroeste	30	23	53	19	2,79
Total	624	439	1.063	193	29,65

Fonte: Projeto de Gestão Integrada de Segurança e Prevenção - GISP, 2017

No ano de 2016 a Regional Leste registrou a maior quantidade de intervenções, totalizando 109 intervenções, sendo esse um número consideravelmente mais elevado do que a regional com a segunda maior quantidade de intervenções, a regional Nordeste que registrou 96 intervenções.

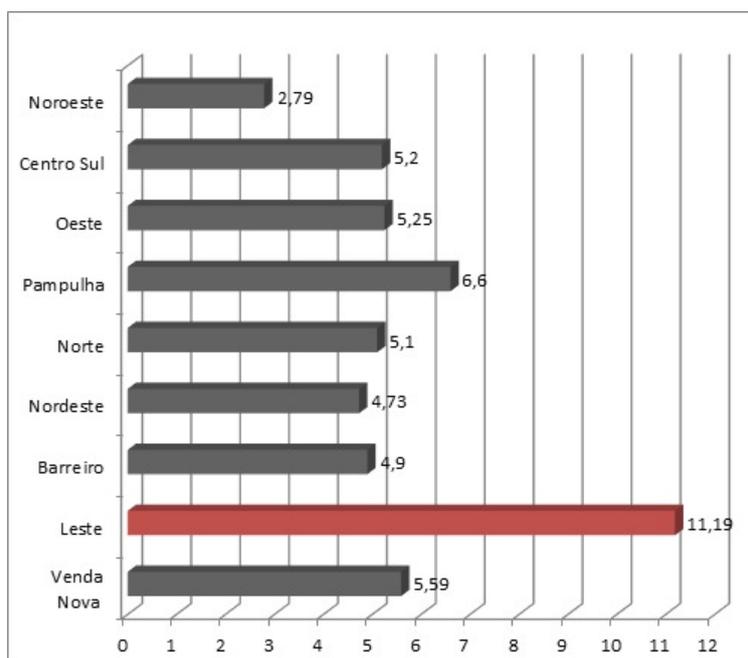
Já no ano de 2017 a Regional Leste passa a ser não mais a primeira em quantidade de intervenções, mas sim a segunda, registrando o total de 70 intervenções. Ademais, os

dados também evidenciam o número de escolas por Regional, mostrando que a Leste está entre as 4 Regionais que possuem o menor número de escolas, registrando o total de 16 escolas.

Deste modo a Regional Leste possui um dos menores números de escolas, entretanto possui um maior e o segundo maior número de intervenções em 2016 e 2017, respectivamente. Assim, a Regional Leste possui o maior percentual de escolas com intervenção, registrando 11,19%, quase o dobro da segunda escola com maior percentual que registra 6,60%, sendo essa a Regional Norte.

O Gráfico 2 demonstra a média de registros de intervenções por regional. A Regional Leste é a que possui maior número de intervenções da Guarda Municipal nas escolas, registrando uma média de 11,19 intervenções. A segunda colocada é a Regional Pampulha, com média de 6,6 intervenções.

GRÁFICO 2 - Registro de intervenções por regional (média) (2017)



Fonte: Projeto de Gestão Integrada de Segurança e Prevenção - GISP, 2017

A Tabela 12 apresenta a classificação das intervenções no interior das escolas da Regional Leste, no período entre janeiro e julho de 2017. Pode-se observar que as ações

com maior número de registros são relacionadas a vias de fato, seguidas pelas classificadas como dano, lesão corporal e furto qualificado.

TABELA 12 - Classificação das intervenções no interior das escolas da Regional Leste (Jan-Jul 2017) (N, %)

CLASSIFICAÇÃO	N	%
Vias de fato	10	14,29
Dano	9	12,86
Lesão corporal	9	12,86
Furto qualificado (arrombamento)	9	12,86
Ameaça	6	8,57
Furto	5	7,14
Perturbação do trabalho ou sossego alheios	4	5,71
Outras intervenções referentes à pessoa	4	5,71
Aquisição/posse ou guarda para uso próprio de substância entorpecente	3	4,29
Atrito verbal	2	2,86
Outras intervenções diversas	2	2,86
Parturiente/pessoa ferida ou enferma	2	2,86
Desacato	2	2,86
Outras intervenções referentes às drogas	1	1,43
Desobediência	1	1,43
Outras intervenções referentes ao patrimônio	1	1,43
Total Geral	70	100

Fonte: Projeto de Gestão Integrada de Segurança e Prevenção - GISP, 2017

A Tabela 13 apresenta a classificação das escolas da regional leste por número de intervenções e o percentual equivalente. Observa-se que, das quatro escolas com maior número de intervenções na Regional Leste, três estão localizadas no território L4.

TABELA 13 - Classificação das escolas da Regional Leste por número de intervenções

ESCOLA	N	%
E. M. Fernando Dias Costa	14	20,00
E. M. Doutor Júlio Soares	11	15,71
E. M. Israel Pinheiro	9	12,86
E. M. Levindo Lopes	9	12,86
E. M. Santos Dumont	4	5,71
E. M. Professora Alcida Torres	4	5,71
E. M. Wladimir de Paula Gomes	4	5,71
E. M. São Rafael	4	5,71
E. M. Padre Francisco Carvalho Moreira	4	5,71
E. M. Professor Domiciano Vieira	3	4,29
E. M. Professor Lourenço de Oliveira	2	2,86
E. M. Professora Marília Tanure Pereira	1	1,43
E. M. Emídio Berutto	1	1,43
Total Geral	70	100

Fonte: Projeto de Gestão Integrada de Segurança e Prevenção - GISP, 2017

A Tabela 14 apresenta os registro de intervenções por escolas da Regional Leste comparando os períodos de janeiro a julho dos anos de 2016 e 2017.

TABELA 14 - Registro de intervenções por escolas da Regional Leste - Comparativo/Jan-Julho 2016-2017

ESCOLA	ANO (N)		Total (2016- 2017) (N)	Varição (2016-2017) (N)	Varição (%)
	2016	2017			
E. M. Doutor Júlio Soares	36	11	47	-25	-69,44
E. M. Israel Pinheiro	14	9	23	-5	-35,71
E. M.	2	14	16	12	600

Fernando Dias Costa					
E. M. São Rafael	12	4	16	-8	-66,67
E. M. Wladimir de Paula Gomes	9	4	13	-5	-55,56
E. M. Levindo Lopes	1	9	10	8	800
E. M. Santos Dumont	6	4	10	-2	-33,33
E. M. Professor Domiciano Vieira	7	3	10	-4	-57,14
E. M. Professora Alcida Torres	4	4	8	0	0
E. M. Padre Francisco Carvalho Moreira	4	4	8	0	0
E. M. George Ricardo Salum	6	0	6	-6	-100
E. M. Emidio Berutto	4	1	5	-3	-75
E. M. Professor Lourenço de Oliveira	2	2	4	0	0
E. M. Professora Marília Tanure	1	1	2	0	0

Pereira E. M. Monsenhor João Rodrigues de Oliveira	1	0	1	-1	-100
Total	109	70	179	-39	-35,78

Fonte: Projeto de Gestão Integrada de Segurança e Prevenção - GISP, 2017

No conjunto, verifica-se queda no número dos registros de ocorrências nas escolas da Regional Leste, o que acompanha a tendência do município, no período, mas, cabe destacar, há variações significativas, com duas escolas apresentando percentuais elevados de aumento nesse número, especificamente, a E. M. Fernando Dias Costa, como aumento de 600%, e a E. M. Levindo Lopes, com aumento de 800%.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados, pode-se concluir que a Regional Leste apresenta os maiores índices de violência com uma média de 11,19 de intervenções realizadas pela Guarda Municipal nas escolas. Dentro dessa regional, o Setor L4 chama atenção, uma vez que três das quatro escolas com maior número de intervenções encontram-se nela. Fato este que confirma a presença de um maior grau de criminalidade no Setor L4 com registros caracterizados como vias de fato, lesão corporal, dano e furto qualificado. Porém, percebe-se que, assim como no município, há uma queda de ocorrências nas escolas da Regional Leste.

Diante das variáveis exógenas que podem vir a influenciar a ocorrência de violência nas escolas, que abrangem: gênero, masculinidade e sexismo; relações raciais, racismo e xenofobia; composição étnica/racial nacional; família como determinante no desenvolvimento do comportamento violento; influência da mídia devido à veiculação da violência e da sua banalização na sociedade; e meio onde se situa a escola e suas

características, podemos inferir que os dados apresentados pela Secretaria não abrange todas as variáveis em questão. Desses fatores, os que não possuem indicadores nesse estudo são os seguintes: racismo e xenofobia; família como determinante no desenvolvimento do comportamento violento; e influência da mídia devido à veiculação da violência e da sua banalização na sociedade. Fato este que dificulta um estudo mais efetivo da situação e atrapalha a elaboração de um melhor plano de ação de combate a criminalidade nas escolas.

Entretanto, sobre as variáveis que foram incorporadas à análise, o que se observa é uma divergência quanto, por exemplo, ao gênero, uma vez que o Setor L4 apresenta maior população predominantemente feminina, enquanto a Regional apresenta a maioria masculina, e quanto a cor e raça, uma vez que no setor há predominância de indivíduos que se autodeclaram negras, pardas ou indígenas, enquanto o território apresenta um percentual de 73% dessa população. Ademais, foi verificado que o IVJ apresentado pelo Setor L4 é o mais alto de Belo Horizonte, uma vez que é significativamente maior do que a média do Município e até mesmo do que índice verificado na Regional Leste.

Por fim, além das diversas outras análises comparativas realizadas ao longo do estudo, conclui-se que os dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Segurança e Prevenção são de extrema importância para a realização de comparações e estudos qualitativos nesse sentido. Entretanto, como já pontuado, para a confecção de uma análise ainda mais aprofundada e para uma eventual intervenção coordenada e qualificada visando a redução das desvantagens sociais concentradas nessas localidades e visando solucionar o problema da violência nas escolas da Regional Leste, principalmente nas escolas do setor L4, tais dados ainda carecem de maiores informações que levem em consideração outras variáveis.

Nesse sentido, é altamente recomendado à Secretaria a realização de coleta de dados e pesquisas através do uso de diferentes ferramentas nas escolas e em seus entornos, além da realização de uma árvore de problema, uma vez que ela é uma ferramenta que auxilia na determinação do foco da intervenção, e na elaboração de um Quadro Lógico, que é um recurso metodológico que facilita o planejamento e ainda funciona como uma espécie de referência no processo de avaliação e monitoramento do projeto em questão. Assim, através da realização dessas ações mais específicas e da maior base de dados, será possível uma análise mais aprofundada e, assim, uma intervenção mais direcionada.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; RUA G. A. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2002, p. 67-291.

BEATO, C. C., REIS, I. A. **Desigualdade, desenvolvimento socioeconômico e crime**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000, p. 5.

BECKER, G. **Crime and punishment: an economic approach**. *Journal of Political Economy*, v.76, 1968, p. 169-217.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir. **Condicionantes Sociais, Poder de Polícia e o Setor de Produção Criminal**. Rio de Janeiro: IPEA, 2003, p 1-9.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir. **Criminalidade Social Versus Polícia** Rio de Janeiro: IPEA, 2003, p 1-8.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir. **Determinantes da Criminalidade: Uma Resenha dos Modelos Teóricos e Resultados Empíricos**. Rio de Janeiro: IPEA, 2003, p. 3-21.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir; X. DE CARVALHO, Alexandre. **O Jogo dos Sete Mitos e a Miséria da Segurança Pública no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005, p. 3-25.

COELHO, E. C. **A criminalidade urbana violenta**. Dados. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Iuperj, 1988, p. 83-145.

GOTTFREDSON, D. C., HIRSCHI, T. **A general theory of crime**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1990, p 61-74.

MENDONÇA, Mário Jorge Cardoso de; LOUREIRO, Paulo Roberto Amorim; SACHSIDA, Adolfo. **Criminalidade e Interação Social**. Rio de Janeiro,: IPEA, 200, p 2-13.

MERTON, R. K. **Social structure and anomie**. *American Sociological Review*, v. 3, 1938, p. 672-682.

PAIXÃO, A. L. **Crime, controle social e consolidação da democracia**. In: REIS & O'DONNELL (eds.). *A democracia no Brasil*. Vértice: São Paulo, 1988, p. 233- 248.

SAPORI, L. F., WANDERLEY, C. B. **A relação entre desemprego e violência na sociedade brasileira: entre o mito e a realidade**, mimeo, 2001, p. 1-24.

SUTHERLAND, E. H. Development of the theory. In: SCHUESSLER, K. (ed.). **Edwin Sutherland on analyzing crime**. [Private Paper published posthumously]. Chicago, IL: Chicago University Press, 1942/1973 (revised edition), p. 30-41.